

**A ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO INTRAURBANO DO BAIRRO NOVO  
HORIZONTE APÓS IMPLANTAÇÃO DA UNEB – VALENÇA-BA**

**Jocel de Menezes Barreto**  
Mestrando em Geografia – UFBA  
Professor Temporário IF Baiano /Santa Inês.

[joceloriginal@yahoo.com.br](mailto:joceloriginal@yahoo.com.br)

**A ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO INTRAURBANO EM VALENÇA-BA: UMA  
ANÁLISE DO BAIRRO NOVO HORIZONTE APÓS IMPLANTAÇÃO DA  
UNEB XV**

## RESUMO

A cidade de Valença está localizada no Estado da Bahia, mais precisamente na no Território de Identidade Baixo Sul a aproximadamente 260 km de Salvador. O objetivo deste estudo envolve a investigação da estruturação do espaço intraurbano de Valença a partir de uma análise do bairro Novo Horizonte após implantação da sede própria da Universidade Estadual da Bahia Campus XV. Um processo de mudança no espaço intraurbano se confirma em diversos pontos da cidade e aqui trazemos as transformações ocorridas, no bairros Novo Horizonte, após a implantação do campus próprio da UNEB, no início da década atual. Os resultados preliminares da pesquisa estão apontando para um processo de seletividade socioespacial, principalmente nos arredores da instituição de ensino superior.

## INTRODUÇÃO

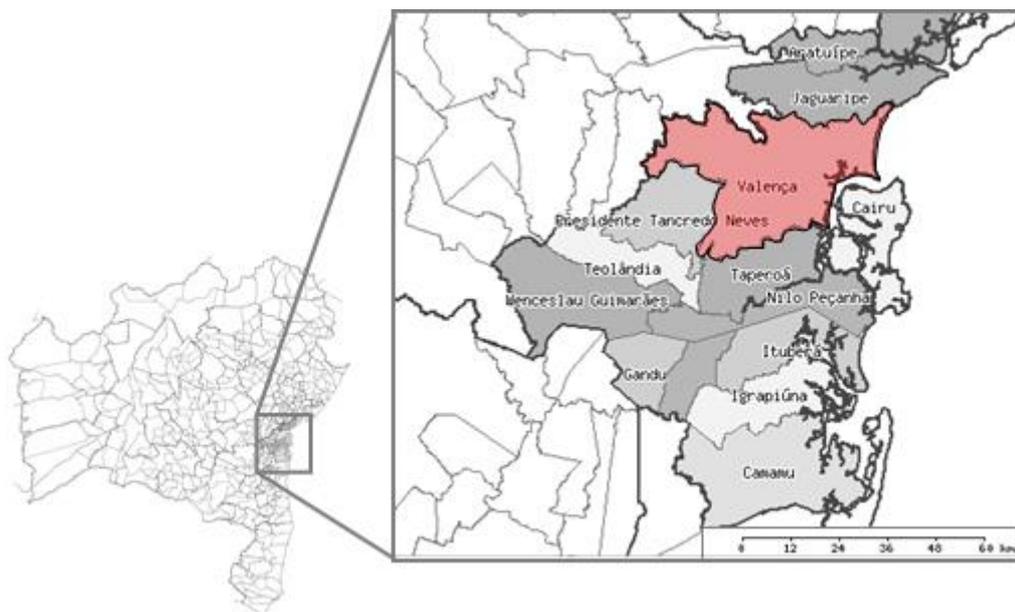
O tema em torno do qual construímos esse estudo envolve a investigação da estruturação do espaço intraurbano de Valença (Figura 1). Nosso objeto de estudo consiste nos bairro Novo Horizonte (Figura 2). A cidade está localizada no Estado da Bahia, mais precisamente no Território de Identidade do Baixo Sul a aproximadamente 260 km de Salvador. O município está oficialmente dividido em cinco distritos, sendo Valença a sede. A cidade, de acordo com a classificação do IBGE (2008), é considerada média (ver tabela 1), e desempenha um papel de destaque na rede urbana em que está inserida.

Tabela 1 – Valença: Evolução Demográfica do Município (1980-2010)

<b>Ano</b>	<b>População Urbana</b>	<b>População Total</b>	<b>% Pop. Urbana</b>
1980	31.813	51.968	61,2
1991	43.599	66.931	65,1
2000	55.884	77.509	72,1
2010	64.401	88.673	72,6

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1980, 1991, 2000, e 2010;  
Org. BARRETO, J. M., 2014

Figura 1. Situação geográfica: Bahia / Território de Identidade Baixo Sul / Valença.



Fonte: SEPLAN, 2012, - Territórios de Identidades – BAHIA  
SEI – Sistema de Informações Municipais, 2014  
Org. BARRETO, J. M. 2014.

Figura 2. Situação geográfica: Bairro Novo Horizonte /Valença.



Fonte: Google Earth, 2013./ Org. BARRETO J,M. 2014

A temática urbana tem cada vez maior relevância nos estudos sobre a sociedade capitalista, principalmente no contexto de maior interdependência dos lugares sob o signo da globalização. A cidade de Valença, núcleo polarizador em sua região de influência, tem passado por transformações na organização interna da cidade são motivadas pelas interrelações entre os distintos agentes que produzem o espaço urbano dirigidos por seus respectivos interesses.

Verifica-se que os agentes interagem com as principais forças locais e distantes que ensejam a dinâmica da economia e da política que orientam o cotidiano da cidade e de sua região. Um processo de mudança no espaço intraurbano se confirma em diversos pontos da cidade e aqui trazemos as transformações ocorridas, no bairro Novo Horizonte, após a implantação do campus próprio da UNEB (Figura 3), no ano de 2013. Este é o contexto contemporâneo no qual se pode problematizar uma porção do espaço intraurbano de Valença.

Ao consultarmos bancos de teses de algumas universidades, constatamos que até o presente momento existem alguns trabalhos que abordam questões no recorte espacial de Valença, como os de Andrade (2001), Sousa (2006), Oliveira (2006), Oliveira (2007), Pires (2010) e Ferreira (2012). No entanto, são poucos àqueles produzidos sob a perspectiva do tema que apresentaremos nesse projeto de pesquisa.

Figura 3 – Universidade Estadual da Bahia – Campus XV



Fonte: Trabalho de Campo, 2013.

Portanto, entendemos que a proposição de um estudo de caso sobre o processo de produção do espaço intraurbano em Valença, poderá contribuir para o entendimento da dinâmica interna da cidade de Valença.

O objetivo geral da pesquisa é *Entender o processo de estruturação do espaço intra-urbano da cidade de Valença-BA, a partir da implantação da UNEB, entre as décadas de 1980 e 2010*. Para tal, elaboramos os seguintes objetivos específicos:

- Discutir a estruturação do espaço intraurbano de Valença a partir de uma escala temporal-espacial;
- Identificar os objetos/formas e agentes urbanos responsáveis pelo adensamento urbano do bairros Novo Horizonte;
- Analisar o processo de expansão urbana da cidade.

Ao longo do desenvolvimento deste estudo, realizamos leituras relacionados ao tema e selecionamos algumas obras que tratam da estruturação do espaço intraurbano.

Os principais elementos discutidos nessas obras são apresentados em três frentes: primeiramente com obras que discutem o conceito de espaço geográfico; em seguida, alguns estudos que tratam especificamente do espaço intraurbano, espaço urbano, as relações entre objetos e ações, e por fim algumas produções sobre morfologia urbana e área de expansão.

Iniciamos com Santos que propõe um conceito para o espaço:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações, e, de outro lado, o sistema de ações leva a criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 1994 p. 111).

No mesmo sentido, Santos (2006, p.46-50) explica que “para os geógrafos objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e de todo resultado da ação humana”, e ao mesmo tempo, “a ação é um processo, mas um processo dotado de propósitos [...] e no qual um agente, mudando alguma coisa, muda a si mesmo”. Uma vez concordando com as concepções de Santos, Trindade (2011, p.9) elucida que “o espaço é interpretado como um sistema de objetos e ações em que fixos e

fluxos coexistem, integrando a sociedade e o território que compõem a totalidade do espaço geográfico”.

Na abordagem sociológica de Castells (2008, p.499-500) o “espaço é a expressão da sociedade”. Como a sociedade está constantemente num processo de transformação, podemos dizer que o espaço, suas formas e processos, estão sujeitos a modificações. O autor ainda amplia sua definição do conceito de espaço como sendo “o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado”.

No âmbito das questões relacionadas ao conceito do espaço urbano, começamos com Corrêa (2005) que, em relação à organização do deste espaço, indica que é caracterizada por objetos ou formas espaciais, como por exemplo, residências, estabelecimentos comerciais, indústrias, rede urbana, entre outros, criadas pelo homem ao longo do tempo. Segundo o autor, o espaço urbano é ainda identificado pela sua fragmentação e articulação, refletindo e condicionando a sociedade, e também o apresenta como um conjunto de símbolos e campos de lutas.

Em seguida, Corrêa (2005) explica que este espaço é produzido por diferentes agentes sociais que constroem e reconstróem a cidade. São destacados cinco agentes fundamentais: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Dessa forma, o autor aponta que o espaço urbano também pode ser entendido como o reflexo das relações existentes entre os agentes produtores do espaço e os sujeitos sociais. A partir dessas relações, Carlos (1994, p.36), destaca que “o espaço é também a história de como os homens ao produzirem sua existência, fazem-no como espaço de produção, de circulação, da troca, do consumo, enfim, da vida”.

Na visão de Lefebvre (2008, p.139) a produção do espaço “corresponde às forças produtivas. Ela supõe o emprego das forças produtivas e das técnicas existentes, a iniciativa de grupos ou classes capazes a intervir a uma grande escala”. Para o autor foi o aperfeiçoamento das forças produtivas que permitiu a produção do espaço em larga escala, considerando que o espaço, na maioria das vezes, foi produzido pelas pessoas em uma escala reduzida ao seu próprio espaço.

Entre as várias teorias sobre a produção do espaço concordamos com aquela desenvolvida por Henri Lefebvre, em que

Cada “objeto” (monumento ou edifício, móvel ou imóvel) deve ser percebido na sua totalidade, no seio do seu espaço, girando-se em torno dele, apreendendo-se todos os seus aspectos. O que exige que o próprio espaço seja percebido e concebido, apreendido e engendrado como um todo. Os níveis e dimensões do espaço, do global ao mais local (o móvel), dependem de uma concepção unitária e de uma mesma atividade produtora (LEFEBVRE, 2008, p. 140).

Lefebvre entende a produção do espaço, visto como uma totalidade, dentro de uma lógica global, nacional e local/regional, pois estas escalas estão imbricadas neste processo, no qual os conflitos, os interesses e as contradições se realizam e se materializam de variadas formas.

No contexto da produção do espaço urbano no sistema capitalista, Corrêa (2005, p.7) destaca que o espaço urbano “constitui-se, em primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si” e prossegue afirmando que “este conjunto de usos de terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado”.

Corrêa (2005, p.7) ainda amplia sua perspectiva sobre o espaço urbano ao sustentar a idéia de que “o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, ou seja, cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais”. Segundo Lima (2011), teoricamente, o termo “articulação” está relacionado à manifestação dos fluxos cotidianos que podemos observar.

Em relação ao espaço intraurbano Villaça (2001, p.20) afirma que ele “é estruturado fundamentalmente pelas condições de deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho [...] seja enquanto consumidor.”. Ou seja, ele entende que o deslocamento de matéria e do ser humano tem um poder bem maior que o deslocamento das informações.

Villaça ainda explica que

Os produtos específicos resultantes da produção do espaço intra-urbano não são os objetos em si: as praças, as ruas, os edifícios [...] etc. – enquanto objetos urbanos certamente é produção do espaço. [...] A produção dos objetos urbanos só pode ser entendida e explicada se forem consideradas suas localizações. A localização é, ela própria, também um produto do trabalho e é ela que especifica o espaço intra-urbano. (VILLAÇA, 2001, p.24)

Villaça (2001, p.20) aponta uma questão central para o entendimento do espaço intra-urbano brasileiro: “por que as camadas de alta renda, quando vão para os subúrbios [...] escolhem certas localizações suburbanas e não outras”.

Essas diferenciações também aparecem ao analisarmos o conceito de cidade, seguindo as proposições de Spósito M. (2004) que entende a cidade como um conceito e uma realidade ao mesmo tempo, uma forma e/com conteúdo. Citando Roncayolo (1990), a autora afirma que a cidade é um dispositivo social e topográfico que propicia as trocas entre os seres humanos, pois nesta se verifica o fator proximidade, que aumenta a capacidade de se estabelecer interações em uma sociedade.

Entendendo a urbanização como processo, conseqüentemente, a análise da cidade deve ser entendida numa perspectiva dialética, no movimento rural-urbano e nas mudanças na divisão social e territorial do trabalho.

Ao considerarmos a urbanização como processo e movimento de transformação, tem-se, como perspectiva conceitual, a compreensão da cidade pelo seu espaço ↔ tempo e pela dialética rural ↔ urbano, ou seja, estamos considerando que o vetor desse movimento é dado pelas mudanças na divisão social e territorial do trabalho (SPOSITO, 2004, p. 38).

Na visão de Santos,

A cidade constitui, em si mesma, o lugar de um processo de valorização seletivo. Sua materialidade é formada pela justaposição de áreas diferentemente equipadas, desde as realizações mais recentes, aptas aos usos mais eficazes de atividades modernas, até o que resta do passado mais remoto, onde se instalam usos menos rentáveis, portadores de técnicas e de capitais menos exigentes. Cada lugar, dentro da cidade, tem uma vocação diferente, do ponto de vista capitalista, e a divisão interna do trabalho a cada aglomeração não lhe é indiferente. Assim, às diversas combinações infraestruturais correspondem diversas combinações supraestruturais específicas (SANTOS, 1994, p.129-130).

Na visão do autor, o ato de produzir é, ao mesmo tempo, o ato de produzir espaço. Essa é uma posição teórico-metodológica proposta por Lefebvre, de acordo com o qual essa metodologia consiste em “passar dos produtos (estudados de perto ou de longe, descritos, arrolados) à produção”

A partir da leitura de Lefebvre, Spósito M. chega à conclusão que:

(...) ao se urbanizar, a sociedade brasileira vivenciou, de forma intensa e acelerada, um conjunto de experiências que outras formações sociais, no âmbito do modo capitalista de produção, experimentaram de forma mais gradual (SPOSITO, 2004, p. 52).

Deste modo, concordamos com a ideia que a cidade é um acúmulo de tempos históricos e da própria produção atual e o espaço da cidade é organizado em função dessas mudanças que ocorrem ao longo do tempo no papel desempenhado pelas cidades, a forma como o processo de urbanização se materializa nas cidades é uma dimensão fundamental nesse movimento de transformações.

Na dimensão do espaço urbano, a partir da perspectiva de sistemas de objetos e sistemas de ações, podemos elencar dois conceitos importantes: os fixos e fluxos. Milton Santos propõe que os elementos

Fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens. Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão também, a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo. Desse modo, as categorias clássicas, isto é, a produção propriamente dita, a circulação, a distribuição e o consumo, podem ser estudados através desses dois elementos, fixos e fluxos. (SANTOS, 1996a, p. 77).

Hoje, de acordo com Santos (2006, p.38), “os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, numerosos e rápidos”. Na visão de Trindade (2011, p.63), “para Santos a análise dos fluxos torna-se às vezes difícil, pela ausência de dados. Mas o estudo dos fixos permite uma abordagem possível através dos objetos localizados”. Ou seja, objetos localizados que correspondem, por exemplo, a templos, escolas, agências bancárias, fábricas, etc. Baseado nessas análises é possível afirmar que os objetos e ações agem e se modificam mutuamente.

A respeito das relações da sociedade com os fluxos, Castells (2008, p.501) apresenta a ideia de que a “sociedade está construída em torno de fluxos: fluxos de imagens, fluxos da informação, fluxos de tecnologia, fluxos de integração organizacional, fluxos de imagens, sons e símbolos”. O autor propõe que os “fluxos não representam apenas um elemento da organização social: são a expressão dos processos que *dominam* nossa vida econômica, política e simbólica”.

Sobre a situação da cidade média em relação às redes urbanas, Soares (2007, p. 470) considera que “essas localidades não são isoladas, mas estão integradas a redes urbanas, através de complexas relações associadas ao mercado e à vida urbana”. A

autora considera, no entanto, que as pequenas cidades, em certos contextos espaciais, “ainda podem se encontrar isoladas e dispersas [...], pois as localidades apresentam uma receptividade diferente aos modernismos, seja por seus recursos naturais e humanos, infraestrutura, produção, etc.”

A partir dessas análises, podemos reconhecer que a rede urbana tem uma importante função na organização espacial, pois promove a integração dos objetos e ações, entre a configuração do território e as relações sociais.

A expansão das instituições de Ensino Superior em Valença tem possibilitado maior acesso à educação, mas também tem alterado significativamente a estrutura urbana (conteúdo) e a própria morfologia das cidades (forma) que recebem esses novos campi.

O plano morfológico, segundo Capel (2002), compreende os elementos básicos que constituem a estrutura material da cidade e são produzidos nas esferas sociais, econômicas, políticas e sociais.

As transformações nesse campo têm relação direta com o que Sposito (2001) denomina de (re)estruturação da cidade, que compreende a expansão da mancha urbana com a abertura de novas vias de circulação e o adensamento das áreas edificadas. O plano morfológico, portanto, relaciona-se com o espaço construído. Segundo Wendel Henrique,

“no plano dos conteúdos, são inseridas novas funções, relacionadas diretamente à educação, bem como novos comércios e serviços vinculados aos moradores que chegam a essas cidades, notadamente professores e estudantes universitários. O plano dos conteúdos constitui-se no uso e apropriação do espaço. A construção do espaço e seus usos e apropriações não estão em campos dicotômicos, hierárquicos ou complementares. São, em realidade, duas categorias sobrepostas, concomitantes e dialéticas que participam da produção do espaço” (HENRIQUE, 2009 p. 513).

Por fim, após a análise das obras consultadas e de outros trabalhos que utilizamos como referência, mas não foram utilizados neste projeto, podemos perceber que para o estudo da estruturação do espaço urbano de Valença, é apropriado compreender as relações existentes entre o espaço geográfico (interação da sociedade com o meio), o espaço urbano (a cidade e sua dinâmica) as relações entre objetos e ações, a morfologia urbana e a área de expansão.

## DESENVOLVIMENTO

Uma vez que nos propomos a investigar estruturação do espaço intraurbano de Valença, não seria possível fazê-lo sem a adoção de um método. Toda pesquisa necessita de um método para se chegar a um determinado resultado. O método é uma construção intelectual que o pesquisador aborda a partir da sua compreensão do mundo. Para Sposito

(...) a questão do método é fundamental porque se trata da construção de um sistema intelectual que permita, analiticamente, abordar uma realidade, a partir de um ponto de vista, não sendo um dado a priori, mas “uma construção”, no sentido de que “a realidade social é intelectualmente construída” (SPOSITO, 2004, p. 24).

Entendemos que a melhor forma de alcançar os objetivos da pesquisa é a utilização do método dialético. Segundo Lefebvre, utilizando-se da dialética.

(...) os pesquisadores confrontam as opiniões, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições e as contradições; e tentam elevar-se a um ponto de vista mais amplo, mais compreensivo (1983, p. 171).

Para Sposito E. (2004), o método dialético busca refutar as ideias do senso comum e chegar à verdade através da razão. Buscando compreender o movimento da história, utilizando a ideia do materialismo dialético de Marx, tese, antítese e síntese ou, como denomina Lefebvre (1983), superação.

Para executar o presente trabalho realizamos análise sobre a área de estudo, para que nos fosse possível compreender da melhor forma possível o processo de estruturação do espaço intraurbano. Para tal, estamos utilizando o *estudo de caso*, definido por Gil (1991, p.72), como aquele método que “ocorre quando se envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento”. Esse tipo de pesquisa consiste no estudo de todos os fatores que influenciam a área de estudo escolhida e na análise de todos os seus aspectos com a finalidade de obter generalizações a respeito desta área.

De acordo com Yin (1981, p.23), “o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras e

o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias formas de evidências”.

A princípio, relacionamos fontes de pesquisa para a produção da revisão de literatura tais como bibliotecas; revistas especializadas; acervos particulares; meios eletrônicos – principalmente banco de teses e materiais produzidos por instituições públicas como o IBGE.

O levantamento de dados foi obtido através da observação direta da morfologia do espaço intraurbano da cidade (bairro Novo Horizonte), registro fotográfico e análise da evolução do espaço intraurbano. Também foram efetuados levantamentos cartográficos e de dados estatísticos baseados no IBGE, Ministério das Cidades (Sistema Nacional de Indicadores Urbanos – SNIU) e Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Após a fase do levantamento de dados, realizamos a organização e tratamento dos mesmos, visando posterior análise e interpretação. Sobre o conceito de *análise*, Gil (1991, p.168), nos afirma que esta “tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação”. Em relação ao conceito de *interpretação*, o mesmo autor afirma que está “tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como resultados preliminares da pesquisa, percebemos que eles estão apontando para um processo de seletividade socioespacial manifestado neste bairro da cidade, onde há indicativos de diversos incentivos por parte do poder público e da iniciativa privada, como é possível observar a implementação de conjuntos habitacionais nas figuras 3 e 4, além da transferência de endereço e implantação de órgãos públicos como o Fórum Gonçalo Porto (que situava-se no centro) e a Delegacia 5ª COORPIN. Ações como estas nos conduz à discussão sobre as diretrizes que norteiem o planejamento municipal e os reflexos para a qualidade de vida da população da cidade.

Figura 4 – Projeto Minha Casa Minha Vida



Fonte: Trabalho de Campo 2013

Figura 5 – Parque Residencial Universitário



Fonte: Trabalho de Campo 2013

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE, J. L. **Turismo e reestruturação espacial**: o exemplo da região de Valença. 140 f. Dissertação (mestrado). Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

CAPEL, H. **La morfología de las ciudades**. Sociedad, cultura y paisaje urbano. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002. v. 1.

CARLOS, A.F.A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CASTELLS, M. (1999). **A Sociedade em rede**: a era da informação – economia, sociedade e cultura. 11. ed. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 698p.

CORRÊA, L. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1991. 96p.

\_\_\_\_\_. (1993). **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005. 94p.

DIAS, L.C. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I.E. et al. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995a. p. 141-162.

FERREIRA, S. S.; EPIFANIA, Anderson Gomes da. **Caminhos possíveis para integração do lazer e turismo em Valença – Bahia**. Universidade Estadual de Feira de Santana. Anais do III Simpósio Cidade Pequenas Médias da Bahia, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

HENRIQUE, W. SANTANA, E. FERNANDES, H. **Bahia Análises & Dados**. Salvador, v.19 n.2, 511-522, jul./set. 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil: cid@des. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> > Acesso 21.09.2013.

INSTITUTO PROSEM. **Diagnóstico da Violência e Criminalidade em Valença-BA**. Valença, Bahia: Instituto-PROSEM, 182 p. 2012.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal. Lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, M.E.F. **Produção do Espaço Urbano de Manacapuru-AM** - o Bairro do Biribiri. 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/>>. Acesso em: 21.09.2012.

OLIVEIRA, E. O. S. **Valença: dos primórdios à contemporaneidade**. Salvador: Ed. EGB, 2006

OLIVEIRA, E. M. B. S. **O Turismo no Guaibim, Valença-Ba: dinâmica econômica e condições de desenvolvimento sócio-espacial**. Dissertação (mestrado). Santo Antônio de Jesus. Universidade do Estado da Bahia Pós-graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, 2007.

PILOTTO, A. S. **Área metropolitana de Curitiba. Um estudo a partir do espaço intra-urbano**. 2010. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-09062010-141856/>>. Acesso em: 2014.01.24

PIRES, C. M. S. **Paisagem e lugar no contexto da turistificação de Guaibim Valença, Ba**: uma leitura a partir das políticas públicas e da comunidade local. Dissertação (mestrado). Santo Antônio de Jesus. Universidade do Estado da Bahia Pós-graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VALENÇA. **Plano Diretor Urbano: Estudos Básicos do Município**. PMV/CAR Projetos, 2001.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. 190p.

\_\_\_\_\_. (1988). **Metamorfoses do espaço habitado**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996a, 124p.

\_\_\_\_\_. Tendências da urbanização brasileira no fim do século XX. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

\_\_\_\_\_. (1996). **A Natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 259p.

SILVA, E. V. **Desigualdade de Renda no espaço intra-urbano**: análise da evolução na cidade de Porto Alegre no período 1991 - 2000. 2011. 201 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/propur/teses\\_dissertacoes/Elvis\\_Silva.pdf](http://www.ufrgs.br/propur/teses_dissertacoes/Elvis_Silva.pdf). Acesso em: 2014.01.24

SOARES, B. R. Pequenas e médias cidades: um estudo sobre as relações socioespaciais nas áreas de cerrado em Minas Gerais. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 461-494.

SOUSA, C. P. **Análise socioambiental do município de Valença – Bahia**. Dissertação (mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2001.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**. São Paulo: EDUNESP, 2004.

SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. São Paulo: UNESP; FCT, 2001.

\_\_\_\_\_. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no estado de São Paulo**, 2004. 504f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Ciências e Tecnologia. UNESP - Campus Presidente Prudente. Presidente Prudente, 2004.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Dinâmica sociodemográfica da Bahia**: 1980-2002. Salvador: SEI, 2003. p.215.

TRINDADE, G. A. **Aglomeração Itabuna – Ilhéus**: cidade, região e rede urbana. 2011. 361 f. Tese (Doutorado) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011. Disponível em: <<http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/732820572T.pdf>>. Acesso em: 21.09.2012.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

YIN, R.C. **The case study crisis**; some answer, Administrative Science Quarterly, Cornell University, March, 1981.